

**O FOCALIZADOR *MESMO*: VERIFICAÇÃO POR COINCIDÊNCIA COMUM  
PROTÓTIPO *VERSUS* VERIFICAÇÃO POR EXTENSÃO PARA INSTÂNCIAS-  
LIMITE**

MÁRCIO RENATO GUIMARÃES  
UFPR

**RESUMO:** O artigo contrapõe dois tipos de operação de verificação expressos pelo “advérbio” *mesmo*, no português do Brasil: verificação por coincidência com um protótipo e verificação por extensão para instâncias-limite. Reconhece-se a oposição entre essas duas operações, que é expressa por uma diferença básica na distribuição do operador: quando posposto ao segmento focalizado, *mesmo* expressa a primeira operação, quando anteposto, expressa a segunda.

**Palavras-chave:** advérbios de focalização; advérbios de verificação; *mesmo*

**ABSTRACT:** The “adverb” *mesmo*, in Brazilian Portuguese, can express two opposite operations of verification: verification by coincidence with a prototype and verification by extension to limit-instances. This two operations correspond to two opposite occurrence of the operation: *after* the focalized phrase *mesmo* expresses the first operation; *before* the focalized phrase, it expresses the second one.

**Key-words:** adverbs of focalization; adverbs of verification; *mesmo*

O texto chave para o estudo dos advérbios<sup>1</sup> chamados de “focalizadores” ainda continua sendo Ilari (1996). A própria terminologia de “advérbios focalizadores” é devida a esse autor, embora não necessariamente a esse texto – a classe aparece pela primeira vez assim nomeada em Ilari *et alii* (1993), na grande revisão da (sub)classificação dos advérbios que é feita nesse texto, como preparação para a discussão central do texto que é a identificação dos padrões de comportamento dos advérbios. Já em Ilari (1996), o autor aprofunda o estudo sobre essa classe específica, refinando as intuições que figuram no texto anterior. É por justiça a esse pioneirismo que partirei da formulação apresentada no referido texto.

O objetivo do presente artigo é discutir o comportamento de um dos assim chamados focalizadores – o operador *mesmo* – em algumas de suas instâncias de ocorrências – mais

---

<sup>1</sup> Ou, melhor dizendo, das expressões tradicionalmente classificadas sob o rótulo dos advérbios. A comprovação da existência de uma “classe” dos advérbios, com características minimamente definidas segundo critérios minimamente explicitados, é uma das lacunas da gramática (e não só das assim chamadas gramáticas tradicionais). Neste texto, *advérbio* está pela falta de uma terminologia melhor que abranja todos os usos das expressões aqui citadas. Nessa prática, estou seguindo os textos que servem de guia para esta análise (Ilari *et alii*, 1993 e Ilari, 1996). Como se verá, algumas das ocorrências estudadas não figuram sob a classificação de advérbio na maioria das gramáticas, sendo difícil determinar, segundo as gramáticas, a que “classe” algumas dessas ocorrências pertenceriam.

precisamente em dois contextos específicos de ocorrência que caracterizam duas operações bem definíveis em termos de suas propriedades de significação. Não é – nem pode ser, devido a limitações de tamanho – objetivo deste artigo descrever, ainda que de maneira bem rudimentar, as diferentes operações de verificação denotadas por esse operador.

Das duas operações introduzidas por *mesmo* estudadas aqui, uma é descrita em Ilari (1996) – caracterizada como *verificação por coincidência com um protótipo* – a outra, a que denominei *verificação por extensão para instâncias limites*, não. Entre essas duas operações parece residir uma oposição (ou complementaridade) que parece estar ligada à distribuição do operador *mesmo* em posições diferentes (opostas/complementares) dentro das estruturas em que ocorre.

Na próxima seção, a operação básica de focalização (ou verificação) descrita por Ilari (1996) é analisada um pouco mais detidamente para refinar-se suas intuições básicas. O caso da verificação por coincidência com um protótipo é analisado mais detidamente na seção seguinte. Na quarta seção, apresento a verificação por extensão para instâncias limites e sua relação com a verificação por coincidência de protótipo. Na última seção, apresenta-se não uma tentativa de formalização dessas expressões (ao menos não no sentido de uma descrição em termos de algoritmos de interpretação em modelos teóricos), mas uma representação dos seus elementos constituintes, reproduzindo as relações de significação entre eles.

## ANOÇÃO DE FOCALIZAÇÃO

Ilari (1996: 196) identifica três critérios gerais, que constituem a noção de focalização, numa formulação que o próprio autor reconhece como imprecisa. Assim, segundo o autor, “dizemos que uma expressão adverbial realiza uma operação de focalização no sentido em que estamos procurando caracterizar quando:

### (1) Esquema Geral da Focalização<sup>2</sup>

- (i) aplicada a um segmento da oração...
- (ii) ...explícita que esse segmento fornece informações mais exatas que a média do texto, em decorrência de uma operação prévia de verificação...
- (iii) ...que por sua vez implica um roteiro próprio, por exemplo, a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto”.

Após descrever as características gerais da operação de focalização, Ilari divide os focalizadores em seis categorias, conforme os tipos de focalização denotados:

- i. verificação por número
- ii verificação de proporção
- iii. verificação de coincidência com um protótipo

---

<sup>2</sup> A denominação *esquema geral da focalização* é proposta minha – o esquema não se encontra assim nomeado em Ilari (1996).

- iv. verificação de identidade ou congruência
- v. verificação de factualidade
- vi. confronto de topologias

Para ilustração do esquema geral da operação de focalização, Ilari (1996: 197) utiliza três exemplos do focalizador *bem*. O que motiva a escolha desses três exemplos é que, em cada um deles, uma mesma expressão focalizadora parece denotar operações de verificação diferentes:

- (1) como se chama aquelas florzinha branquinha **bem** cheirosa... eu acho que é ja... jasmim, não é? [POA 45:339]
- (2) isso é **bem** coisa dele [não verificado nos dados do NURC]
- (3) ... lá em Ipanema, **bem** em frente daquele Cine-Park [POA 45:p. 1]

No exemplo (1), segundo o autor, a qualificação do jasmim como uma “flor *bem* cheirosa” separa os jasmims de outras flores cheirosas pela intensidade de seu cheiro. O advérbio *bem* estabelece um efeito de contraste de figura e fundo através da identificação de uma subclasse menor, “focalizada”, em contraste com uma classe maior - que consistiria num fundo desfocado: a classe das florzinhas bem cheirosas em oposição à classe das flores cheirosas. Mas isso é conseguido também pelo morfema diminutivo e pelo adjetivo *branquinha*, que separam o jasmim de outras flores. Assim, o mesmo tipo de operação de contraste figura e fundo por subclassificação poderia ser reconhecido para esses elementos e não só para o advérbio *bem*. Mesmo se se considera a operação específica de *bem* que é um tipo de intensificação, essa é a mesma operação do sufixo diminutivo em *branquinha*. Nesse sentido, o contraste figura e fundo não é exclusivo – nem talvez seja distintivo – para as operações de focalização. Fica claro, no entanto, que a focalização opera uma separação do tipo de um contraste entre figura e fundo, e que isso é um ingrediente importante da operação de focalização – na verdade, é a operação central. O importante é identificar apropriadamente a(s) especificidade(s) dessa operação, no que diz respeito aos focalizadores. Neste caso em particular, o ponto distintivo é a operação de intensificação<sup>3</sup>.

No exemplo (2), Ilari reconhece a existência de focalização ou ênfase, sem dar melhores detalhes. Essa caracterização – sobretudo a de *ênfase* – parece, sobremaneira vaga. Essa ênfase poderia (numa intuição minha, não de Ilari) ser reconstruída numa perífrase, para (2), como exposta em (2’).

- (2’) “não quero apenas afirmar que *isso é coisa [típica] dele*, mas quero ressaltar essa informação perante as outras”

---

<sup>3</sup> Isso levanta uma questão – ou conjunto de questões relacionadas – com relação à caracterização dessa operação de intensificação, caracterizada em Ilari (1996) como “verificação de proporção”, como uma operação de focalização. Por que a intensificação, nesse caso, é focalização – e em outros casos não é? O que diferencia a verificação de proporção da intensificação pura e simples? A questão aparece formulada em Ilari (1996: 200), mas levanta mais questões do que propriamente esclarece. Obviamente, não aprofundarei este ponto neste trabalho porque meu foco aqui é outro.

Já a operação de verificação – também, em minha intuição – parece ser uma operação de verificação por coincidência de protótipo, como ocorre em (3) – algo como *isso é típico dele*. Assim, estariam garantidos os três elementos reconhecidos no esquema geral da focalização – ou de verificação – de Ilari (1996): em primeiro, se faz o contraste entre figura e fundo. Pode-se entender que esse contraste se dá, esquematicamente, entre um elemento predicativo com o focalizador e o mesmo elemento sem o focalizador: assim *florzinha branquinha bem cheirosa* é a figura destacada de um fundo (uma categoria mais ampla) das florzinhas branquinhas; *bem na frente do Cine-Park* é destacado de outras localizações em frente ao Cine-Park e *bem coisa dele* destaca-se das outras coisas que são típicas ao sujeito (=tópico da conversa) de que se está falando. Em termos mais brutos: o focalizador se aplica sobre um elemento focalizado – ele tem circunscrição sobre uma determinada expressão. Sobre esse elemento se expressa algum tipo de verificação. O *tipo* de verificação – o roteiro de verificação – varia de caso a caso: cada focalizador introduz tipos de verificação específicos e alguns, como *bem* e *mesmo* parecem trabalhar com vários roteiros ao mesmo tempo.

#### VERIFICAÇÃO POR COINCIDÊNCIA COM UM PROTÓTIPO

Acredito que a postulação por trás da verificação de coincidência com um protótipo<sup>4</sup>, tal como ela é apresentada por Ilari (1996), seja a de que as diversas predicções possíveis de uma qualidade ou relação com relação a um indivíduo sejam entendidas como passíveis de uma gradação por aproximação. Para que se entenda o que quero dizer com isso, considere-se o exemplo apontado por Ilari (1996) como o mais prototípico dessa operação, reproduzido acima em (3). A relação estabelecida, nessa sentença, pela expressão *em frente (de)* SN comporta diferentes graus de aproximação, que Ilari representa por uma aproximação ao ângulo reto com relação ao objeto (ou lugar) que figura na posição do SN regido pela preposição *de* (Ilari, 1996: 203):

‘procure o prédio do lado oposto da rua, caminhando/olhando a partir do cinema, perpendicularmente à frente do próprio’

Quanto mais o caso em consideração se aproximar desse roteiro, quanto mais ele satisfizer as condições imposta por ele (no caso, quanto mais perpendicular for o olhar ou o caminhar a partir do ponto de referência) mais o elemento em consideração é passível de ser predicado com a expressão *em frente de SN*. De todas as situações passíveis de serem definidas, existe uma que é aquela em que essa predicção se aplica com maior grau – aquela em que o roteiro se aplica mais apropriadamente do que em todos os outros casos – essa é a que recebe o elemento predicativo com o focalizador, em oposição àquelas que apenas recebem o elemento predicativo: a oposição entre o que está *bem em frente ao Cine-Park* em oposição a todas aquelas coisas que estão apenas *em frente ao Cine-Park*.

---

<sup>4</sup> O uso do termo *protótipo*, nesta proposta de análise, apenas recupera a caracterização de Ilari (1996) dos casos discutidos. Não existe compromisso nenhum com teorias semânticas de protótipos.

É possível reconstruir o mesmo roteiro (ou um roteiro do mesmo tipo) por trás de outros casos apontados em Ilari (1996: 203), incluindo os advérbios *propriamente*, *realmente* e *mesmo*.

- (4) inclusive eu coloquei ciência normativa entre aspas para mostrar que não é *propriamente* uma ciência que se chama normativa  
[RE377:475]
- (5) uma preocupação *realmente* científica... *realmente* de homem de ciência  
[RE337-349-353]

É por não coincidir com o protótipo “mais central”, para usar uma metáfora espacial, do que pode ser dito *ciência*, e não por não ser ciência *tout court*, que a ciência normativa é caracterizada como não sendo *propriamente* uma ciência. Da mesma forma, a preocupação é *realmente* científica por estar mais centralmente localizada com relação ao que é o protótipo daquilo que pode ser predicado por *científico*.

Essas construções com operação de verificação de protótipo parecem ser bastante comuns com o focalizador *mesmo*:

- (6) e acredito que o estouro **mesmo** veio na faixa do- do oitenta, né? da década de oitenta, né? onde abriram casas de- de nomes tradicionais no comércio, né?  
[PRCTB05/SLIN:0071]
- (7) E. Dona Anadir, chamam a senhora de Nadir ou Anadir.  
F. Nadir, mas meu nome **mesmo** é Anadir.  
[PRCTB10/SLIN0008]
- (8) eu acho assim que não é um- que se você quer ser **mesmo** uma pessoa de deus, não precisa você estar indo na missa.  
[PRCTB08/SLIN:0729]
- (9) então, [esse]- o cama **mesmo**, né? o sofá-cama caiu.  
[PRCTB03/SLIN:0592]
- (10) nós se damos bem, sabe? se gostamos bem, apesar de que- que com os parentes lá da minha- do meu pai se damos muito bem **mesmo** com as minhas primas lá, com meus primos.  
[PRCTB03/SLIN:1373]

Dos exemplos acima, em (5), (6) e (9), *mesmo* se aplica a SNs; em (8) e (10) ele se aplica sobre outros segmentos da sentença: sobre o predicado *se damos bem*, em (10) e sobre o verbo *ser* (ou o predicado *ser uma pessoa de deus*), em (8). Nisso ele contrasta com focalizadores que desempenham a mesma operação, como *bem*, *realmente*, *propriamente*, que, aparentemente, nas suas ocorrências como focalizadores (algumas delas, no caso de *bem*, todas elas, no caso dos outros), figuram em duas posições básicas: modificadores de adjetivos ou de expressões complexas em função de adjetivo e “modificadores de SN”, como ocorre em (4), na expressão *propriamente uma ciência normativa*. Na verdade, *mesmo* ocorre também nesses últimos contextos, mas nem sempre expressando esta operação de verificação em especial.

Nesses casos, a comparação de diversas instâncias com um protótipo pode ser entrevista no cotexto, ou reconstruída a partir de elementos do texto (o que se poderia chamar de contexto, ou ao menos de *contexto presumido*). Assim, *Nadir*, em (7), é uma instância não tão suficientemente aproximada ao protótipo quanto *Anadir*. A década de oitenta, entre outros períodos presumíveis (as *outras* décadas, as décadas anteriores), é aquela em que aconteceu o estouro (no caso específico, o aumento da concentração de casas comerciais na Avenida Marechal Floriano, e sua consolidação como eixo comercial da região sudeste de Curitiba). E, dentre as pessoas de que pode se falar que a informante e suas irmãs se dão bem com elas, no exemplo (10), existe um conjunto a que isso se aplica num grau maior que é composto por suas primas, seus primos – e assim por diante.

### VERIFICAÇÃO POR EXTENSÃO PARA INSTÂNCIAS-LIMITE

O estudo de ocorrências de *mesmo* nos dados do VARSUL revelou alguns exemplos que não parecem se encaixar nas operações de verificação descritas por Ilari (1996):

- (11) família de - de agricultores, não podia ser dispensado o trabalho dos filhos, **mesmo os novinhos**, que mal poderiam segurar uma enxada, tinham que ir pra roça como eles diziam.

A operação básica de contraste entre figura e fundo, expressa no esquema geral da focalização, parece se verificar aqui: em (11), *os [filhos] novinhos* constitui a figura, que contrasta com o fundo que é explicitamente representado, aqui, pelo sintagma *os filhos*, que figura na ocorrência imediatamente antes. A relação figura e fundo, nesse caso, é de novo uma relação entre subclasse e classe – comparável à que existe em exemplos estudados anteriormente. No entanto, parece haver uma diferença marcante: enquanto nas ocorrências de (5) a (10), por exemplo, dá-se a informação de que uma instância é mais prototipicamente caracterizada pela predicação focalizada, aqui as coisas parecem se dar de outro modo. Os filhos novinhos não são apresentados como uma instância mais prototípica de os filhos – antes ela fornece um limite onde se verifica, privilegiadamente, o alcance da afirmação. De uma certa forma, essa instância destacada representa um limite mais periférico da classe total, menos passível de ser atingido pelas consequências da afirmação feita do que outras instâncias, mais centrais. Ou seja, tal é o alcance da afirmação “o trabalho dos filhos não pode ser dispensado” que até na instância periférica do trabalho dos filhos menores essa afirmação continua valendo.

A informação de que essa instância é mais periférica, e que por isso constitui parâmetro privilegiado de verificação, é definida pelo contexto, neste caso específico – acredito que essa informação pode ser entendida como fazendo parte de um conhecimento compartilhado (talvez por nossa cultura urbana contemporânea) de que os mais novos de um grupo humano deveriam ser poupados de trabalhos pesados como o da agricultura. Mas é possível, também, que esse o parâmetro para a verificação esteja expresso no cotexto:

- (12) Então a gente não sabe ao certo se foi a Prefeitura que uniu tudo e ficou tudo (“hã”) uma coisa só, Pilarzinho, né? Que uniu esse lado aqui, passando o Bom Retiro pra

aquele lado pra lá, uniu tudo como Pilarzinho, não se sabe! Então, até [me]- me vi na lista desse ano ali como Pilarzinho ou como Taboão, mas eu creio que aqui é Pilarzinho. **Mesmo** nas placas das ruas pode ver que, né? rua tal, número tal, Pilarzinho. E antigamente era Taboão.

[PRCTB10/SLIN:139-149]

A questão levantada pela entrevistadora era determinar precisamente em que bairro situa-se a casa do falante, já que a delimitação dos bairros feita pela prefeitura de Curitiba não corresponde à divisão tradicional, consuetudinária para os antigos moradores. A informação da caracterização dos bairros nas placas das ruas, introduzida pelo *mesmo*, representa uma instância entre as informações acerca da delimitação dos bairros, e serve para verificar a afirmação (ainda que modalizada por *eu creio*) de que a casa em questão se situa, oficialmente, no Pilarzinho.

Aquilo a que me referi acima como “verificação de uma asserção através de instanciamento” pode representar também uma operação mais geral de estabelecimento de limites mais precisos, mais exatamente definidos. Assim, no exemplo (11) analisado acima, a focalização em *mesmo os novinhos* serve para garantir que a afirmação de que o trabalho dos filhos não podia ser dispensado não foi feita com base em que o trabalho de qualquer proporção representativa dos filhos (a maioria deles, p. ex.) não podia ser dispensado, mas numa proporção realmente significativa – e essa relevância é contextualmente definida.

## PARAAFORMALIZAÇÃO DOS FOCALIZADORES

Certamente a formalização de todos os advérbios focalizadores de uma língua como o português do Brasil, em todos os seus contextos de ocorrência e em todas as operações específicas de focalização em que eles podem figurar, demandaria um trabalho com proporções muito maiores que as modestas e limitadas proporções deste trabalho. Nesta seção, contento-me em apontar algumas operações envolvidas e que podem ser recuperadas nos modelos de análise disponíveis até o momento. Uma das dificuldades para a formalização destas expressões – além de outras que não vêm previstas nos modelos disponíveis no mercado – é justamente a limitação dos modelos disponíveis.

Ficou claro, por exemplo, que, em muitos casos, a focalização trabalha sobre a recuperação de elementos do contexto não só de sentenças anteriores àquelas em que o focalizador ocorre, mas também de elementos que não ocorrem explicitamente como categorias do mesmo tipo das que constituem os núcleos das categorias em que o focalizador ocorre como modificador em construção endocêntrica. Sem falar nos elementos que ocorrem no contexto, e que, num modelo formal, precisariam ser explicitamente estipulados. Seria necessário um modelo formal que conseguisse recuperar essas informações co(n)textuais para descrever adequadamente o funcionamento dos focalizadores.

Dadas essas dificuldades, nesta seção não será proposto um modelo **completo** de interpretação, sofisticado ao ponto de dar conta desses elementos co(n)textuais. Muito menos um modelo completo o suficiente para dar conta de todos os casos de focalização – ou mesmo todos os casos do focalizador *mesmo*, que é o escolhido para o estudo específi-

co em questão. Antes, limito-me a alguns casos mais controláveis, identificando as relações expressas e tentando identificar, nas construções específicas, a função de cada elemento.

**A. Verificação de coincidência com o protótipo.** O exemplo (proto)típico deste processo é o (7), adaptado aqui em (13):

(13) [Me chamam de] Nadir. Mas meu nome mesmo é Anadir.

Como já se viu acima, esse caso trabalha com diferentes instâncias de uma mesma categoria, identificando uma delas como mais prototípica do que as outras. No caso específico acima, a categoria da qual é estabelecido o protótipo é representada pelo SN *meu nome*. Como é *mesmo* que estabelece do que é o protótipo, esse focalizador toma como argumento essa categoria:

$$[[\text{meu nome}]_{\text{SN}} \text{ mesmo}_{\text{FOC}}]_{\text{SN}}$$

Essa relação nos daria a forma geral de construção de protótipo expressa da seguinte forma:

$$[[\text{CAT}] \text{ FOC}]_{\text{PROT}}$$

em que: CAT: categoria de onde é extraído o protótipo

FOC: focalizador

[...]\_{\text{PROT}}: termo que denota o protótipo com que se faz a identificação

No exemplo em questão, aparecem duas instâncias que são relacionadas à categoria – *Nadir* e *Anadir*. A instância que é identificada com o protótipo é *Anadir*, e essa identificação se faz pela predicação sobre o termo que denota o protótipo com que se faz a identificação. Essa relação de a instância a ser identificada figurar como item imediatamente conectado ao termo que denota o protótipo parece se manter, o que adicionaria mais um elemento à nossa equação:

$$[[[\text{CAT}] \text{ FOC}]_{\text{PROT}} \text{ INST}_1]$$

em que: CAT: categoria de onde é extraído o protótipo

FOC: focalizador

[...]\_{\text{PROT}}: termo que denota o protótipo com que se faz a identificação

INST<sub>1</sub>: instância a ser identificada com o protótipo (= a ser identificada como mais central com relação ao protótipo do que as outras)

O exemplo em questão contém uma instância a mais, menos central com relação ao protótipo do que a instância identificada. Essa instância figura antes da instância identificada – mas essa situação não é necessária; o exemplo bem poderia ter a seguinte forma:

(14) Meu nome mesmo é Anadir. Mas os vizinhos me chamam de Nadir.



Ou, ainda, essas instâncias outras poderiam figurar no contexto, mesmo.

Aproveito para fazer a identificação de outros dois exemplos em que uma instância é identificada como mais central com relação ao protótipo de uma categoria:

(15) [[[o estouro]<sub>CAT</sub> **mesmo**<sub>FOC</sub>]<sub>PROT</sub> [veio na [...] década de oitenta]<sub>INST</sub>]

(16) [[[se damos muito bem]<sub>CAT</sub> **mesmo**<sub>FOC</sub>]<sub>PROT</sub> [com minhas primas, meus primos]<sub>INST</sub>]

Do ponto de vista da construção do modelo de interpretação, o protótipo de uma categoria pode ser entendido como uma espécie de subconjunto dessa categoria – não qualquer subconjunto, mas um subconjunto central. Uma expressão como *mesmo*, então, denotaria uma função que extrairia esse subconjunto central de um determinado conjunto denotado pela termo modificado. O que poderia caracterizar esse subconjunto poderia ser algum tipo de grau [de intensidade] de predicação da propriedade que o caracteriza. Assim, a delimitação de um conjunto não seria feita no modelo clássico, em que uma linha dividiria os elementos do Universo Discurso pertenceriam a esse conjunto, mas por círculos concêntricos conforme alguns elementos fossem mais típicos do conjunto do que outros. A relação de pertencimento -  $\in$  - seria uma relação graduada -  $\in_{dx}$  - que poderia ser descrita como “pertence com um grau  $x$ , em que  $x$  seria um valor em uma escala (digamos, de 0 a 1)”. Graficamente, a limitação de um conjunto no Universo do Discurso seria representada como na Figura 1.

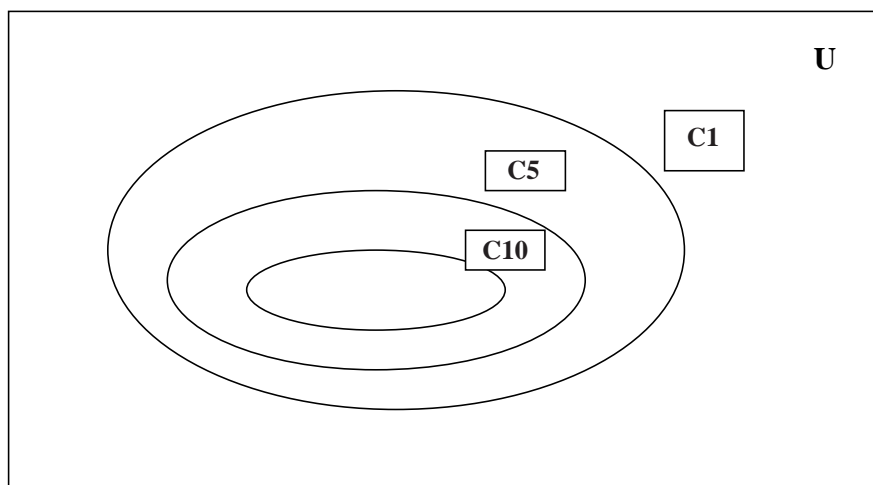


Figura 1: Modelo de Conjunto com pertencimento graduável

Um conjunto  $C$  (digamos, o conjunto daqueles “com quem se damos muito bem”) pode ser entendido como um conjunto graduável, em que o subconjunto  $C1$  contém todos os elementos  $y \in_{dx} C$ , tal que  $x > 0$  – correspondendo ao conjunto todo, propriamente dito –, o subconjunto  $C5$  contém todos os elementos  $y \in_{dx} C$ , tal que  $x > 0,5$ , e o subconjunto  $C10$  contém todos os elementos  $y \in_{dx} C$ , tal que  $x = 1,0$ , para uma escala graduável de 0 a 1,0.

Embora o modelo descrito acima seja bastante diferente dos modelos de grau clássicos disponíveis na literatura (como os utilizados para a descrição de construções comparativas, p.ex.), é possível que o mesmo tipo de modelo possa ser adaptado para o estudo destes casos de focalização.

**B. Extensão da predicação para outras instâncias.** Essa operação, como já foi dito, não é descrita em Ilari (1996), muito provavelmente porque deve ocorrer apenas com *mesmo* (e *até*), cujo estudo não foi muito explorado naquele trabalho. Recapitulo o exemplo e a discussão, abaixo:

- (11) família de - de agricultores, não podia ser dispensado o trabalho dos filhos, **mesmo os novinhos**, que mal poderiam segurar uma enxada, tinham que ir pra roça como eles diziam.

Como disse acima, o que ocorre no exemplo (11) é que a verificação do alcance de uma determinada predicação (que o trabalho dos filhos não pode ser dispensado, na agricultura) se faz na extensão dessa predicação para uma instância limite (no caso, o trabalho dos filhos bem jovens). De uma certa forma, o processo aqui é o inverso do processo anterior: é uma determinada predicação que é verificada através de sua distribuição por suas instâncias, não uma instância que é comprovada pela situação (mais central ou não) com relação a uma predicação. E, enquanto o processo anterior implicava a delimitação de um protótipo, de um núcleo da predicação, com a exclusão das instâncias mais marginais desse núcleo, este processo implica a extensão dessa predicação para instâncias mais marginais.

Também a ordem dos fatores na estrutura sintática é outra. A categoria de predicação geral não é *os novinhos*, modificada por *mesmo* – ela está alhures – neste caso específico, antecede o focalizador e encontra-se fora de seu escopo de ação. O que está no escopo de ação do focalizador, agora, é a instância-limite para a qual se faz a extensão.

Essa oposição parece se reproduzir na estrutura das construções. O que caracteriza as estruturas que expressam esse tipo de verificação parece ser a anteposição do *mesmo* com relação aos elementos modificados. Até este ponto, não há garantia de que seja verdade de que toda estrutura com o *mesmo* anteposto expressa esse tipo de relação. Que isso possa ser verdade é sugerido pela mudança de posição do focalizador *mesmo* na estrutura prototípica da discussão sobre a verificação por coincidência com o protótipo feita no item A., acima:

- (17) [Me chamam de] Nadir. Mas mesmo o meu nome é Anadir.

Claramente, no exemplo acima, não se preserva o mesmo efeito de significação da ocorrência original (com o *mesmo* posposto). Não parece haver progressão da primeira sentença para essa, não parece se dar a verificação que se propõe pela focalização. Talvez porque o que venha antes não pode ser entendido como a categoria mais geral.

O exemplo (11) é mais prototípico porque tem explícita uma categoria mais geral do mesmo tipo sintático da que é modificada pelo *mesmo* anteposto. Como também se viu

acima, o exemplo (12) contrasta com esse porque a categoria mais geral está difusa no cotexto anterior:

- (12) Então a gente não sabe ao certo se foi a Prefeitura que uniu tudo e ficou tudo (“hã”) uma coisa só, Pilarzinho, né? Que uniu esse lado aqui, passando o Bom Retiro pra aquele lado pra lá, uniu tudo como Pilarzinho, não se sabe! Então, até me- me vi na lista desse ano ali como Pilarzinho ou como Taboão, mas eu creio que aqui é Pilarzinho. **Mesmo** nas placas das ruas pode ver que, né? rua tal, número tal, Pilarzinho. E antigamente era Taboão.  
[PRCTB10/SLIN:139-149]

Talvez a categoria mais geral a ser estendida seja “razões para dizer que o lugar onde está o falante se situa no Pilarzinho”. O dado do nome do bairro nas placas das ruas é uma extensão limite, adicionada para verificar a afirmação de que há vários argumentos para comprovar tal afirmação.

Esse raciocínio nos dá uma forma inversa com relação ao que está no escopo do focalizador (a instância, não mais a categoria mais geral) e o que está além desse escopo (a categoria geral, não mais a instância), embora nos exemplos acima a sequência dos termos tenha se preservado:

- [[CAT] [FOC [INST]]<sub>EXT</sub>]
- em que CAT: categoria mais geral  
FOC: focalizador  
[...]<sub>EXT</sub>: termo que denota a extensão de uma categoria a uma instância marginal e/ou adicional  
INST<sub>i</sub>: instância a ser incluída na extensão de uma determinada categoria

Quer corresponda exatamente a esse processo ou não, parece que a ordem do focalizador *mesmo* anteposto parece ser mais rara do que a ordem em que ele é posposto: de 168 ocorrências do focalizador *mesmo* nas dez primeiras entrevistas do *corpus* do VARSUL em Curitiba (descontadas as ocorrências de *mesmo* como “adjetivo”), apenas dez correspondem a construções com o *mesmo* anteposto – nove delas em uma única entrevista, a de número 10 – e mesmo o exemplo que ocorre fora dessa entrevista é muito estranho (exemplo 18, abaixo). Vejamos apenas alguns desses exemplos:

- (18) É, eles são aqui de Curitiba, né? Tem o Pedroso aí tal, o filho dele, né? que são os donos, né? são aqui de Curitiba, né? Eles não são de Curitiba, são próximos, mas não são- **Mesmo** o velho **mesmo** é aí de Itaperçu, né?  
[PRCTB03/SLIN:0976]
- (19) e **mesmo** que- você vê, o que está nas placas, né? que é posto na rua pelo prefeito, e tudo, está como pilarzinho.  
[PRCTB10/SLIN:0161]
- (20) Agora, muitas pessoas ainda dizem assim: “Ah! Ainda bem que não- que não está muito desenvolvido o bairro, senão ficava assim mais é- movimentado, mais perigoso, né? então, acham assim que- uns preferem que seja assim calmo, tranqüilo, que não

tenha grande comércio. \*Outros já preferem que seja mais movimentado, né? Mas eu assim- eu acho muito assim- por ser perto do centro, é um bairro muito esquecido.mas e, **mesmo** aqui no nosso bairro as ruas estão muito- muito assim- é, como é que eu quero dizer- muito abandonada, né? que a prefeitura devia assim de- passar antipó em todas elas, abrir o esgoto, né?

[PRCTB10/SLIN:0182]

- (21) Mas, você pode ver, tem ruas aí- transversais ali que- que está na- na- no macadame, e muito mal cuidadas, não- não passaram antipó, não abrem uma valeta de esgoto nem nada. **Mesmo** quando chove, sabe?

[PRCTB10/SLIN:207]

- (22) eu achava assim, em matéria de segurança, cabe mais à polícia militar, né? pôr assim uma ronda de policiais a cavalo, ou **mesmo** os camburão, né? que passassem nos bairros assim mais seguido, assim, né? digamos, não de minuto em minuto, mas de hora em hora, né? ou de meia em meia hora, que fizesse uma ronda né?

[PRCTB10/SLIN:0611]

É possível que, nos exemplos da língua, existam ainda outras operações de verificação não descritas ainda na literatura. Certamente, o focalizador *mesmo* expressa outras operações além das descritas neste trabalho. Uma descrição mais completa de sua significação certamente envolverá mais trabalhos que se detenham sobre aspectos bem específicos, distinções bastante sutis entre seus diversos usos, antes que o quadro mais geral possa ser mais adequadamente delineado.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ILARI, Rodolfo. (1996). Advérbios focalizadores. In: ILARI, Rodolfo (ed.) *Gramática do português falado II: níveis de análise lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- ILARI, Rodolfo et alii. (1993). Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português falado I: a ordem*. Campinas: UNICAMP.